

## INFLUÊNCIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NO ENVOLVIMENTO DE ADOLESCENTES COM ÁLCOOL

Adriana Alaide Alves Moura<sup>1</sup>; Silvio Eder Dias da Silva<sup>2</sup>; Arielle Lima dos Santos<sup>3</sup>;  
Joel Costa Lobato<sup>4</sup>; Paula Monick Silva de Castro<sup>5</sup>

<sup>1</sup>Residente em Atenção Básica e Saúde da Família, Centro Universitário do Estado do Pará (CESUPA);

<sup>2</sup>Doutor em Enfermagem, Universidade Federal do Pará (UFPA);

<sup>3</sup>Mestrado, UFPA;

<sup>4</sup>Graduação, UFPA;

<sup>5</sup>Graduação, UFPA

adriana-moura15@hotmail.com

**Introdução:** No período colonial do Brasil, as drogas representavam um conjunto de riquezas exóticas, produtos de luxo destinados ao consumo e ao uso médico, sendo posteriormente denominadas de especiarias (1). Com o passar do tempo, a fronteira entre esses dois conceitos foi definida e vigiada, sendo que as distinções não são mais naturais, mas um recurso artificial de controle político e jurídico. Dessa forma, as drogas passaram a ser conceituadas como lícitas e ilícitas (2). O álcool é considerado uma droga lícita. Estima-se que existam 2 bilhões de consumidores de bebida alcoólica em todo o mundo e, desses, 76,3 milhões com diagnóstico de transtornos relacionados ao uso de álcool. Os índices de morbidade e mortalidade relacionados a essa realidade são consideráveis. Os acidentes automobilísticos ocupam índice proeminente nas estatísticas, pois, em todo o mundo, entre um quarto e a metade dos acidentes de trânsito com vítimas fatais está associada ao uso do álcool (3). O fenômeno das drogas é altamente complexo e de múltiplas causas, não reconhecendo limites territoriais, sociais ou de idade. Assim, o novo padrão de consumo dos adolescentes mantém prevalência incrementada durante os últimos anos. Essa situação pode dever-se às características evolutivas, como a busca pela identidade e independência, o isolamento dos valores familiares e a ênfase na necessidade de aceitação por seus pares (4). Portanto, a adolescência se converte em uma etapa de vulnerabilidade e facilitadora para o início de condutas de risco, como é o caso do consumo de álcool e outras drogas. **Objetivos:** Descrever as representações sociais dos adolescentes sobre o alcoolismo e analisar a inserção do alcoolismo na história de vida dos adolescentes. **Métodos:** Estudo descritivo-exploratório, com abordagem qualitativa, utilizou-se o método de história de vida para captar as representações sociais dos sujeitos do estudo sobre o tema em questão. O campo de pesquisa foi o projeto TribosUrbanas, um programa da Prefeitura de Belém-PA, criado há dois anos, com o objetivo de atender jovens e adolescentes que se envolvem com gangues. A iniciativa visa retirá-los das ruas e envolvê-los em atividades socioeducativas. Participaram do estudo 40 adolescentes de ambos os sexos, sendo 30 do sexo masculino e 10 do sexo feminino. Os critérios de inclusão na pesquisa foram: estar na faixa etária entre 12 e 20 anos, fazer parte do programa da instituição mencionada e ter a permissão dos adolescentes e de seus responsáveis legais para a participação no estudo. O período da coleta dos dados foi de março a julho de 2009. Foi empregada a técnica da saturação de dados, que diz respeito à repetição dos discursos como forma de delimitar a amostragem deste estudo. A pesquisa foi orientada pela Portaria nº 466/12, do Conselho Nacional de Saúde, e aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Pará, recebendo o Protocolo nº 004/08 CEP-ICS/UFPA. Após o término das entrevistas, foi realizada sua transcrição. **Resultados e Discussão:** As relações familiares unem em um mesmo ambiente indivíduos com diferentes idades e que tenham ou não laços consanguíneos. A família sofreu alterações de natureza estrutural para se adaptar a cada época da sociedade. Entretanto, na

atualidade ainda segue como instituição central. Durante a infância é apresentado aquele ser a realidade da qual ele vai conviver, esta realidade servirá como base para a construção de seu mundo particular. Este estudo vem abordar um mundo estruturado através dos hábitos dos adultos de consumirem álcool. A representação exerce grande influência na criança, pois, esta na condição de aprendiz irá tender a seguir as representações sociais que o adulto apresenta a mesma. O adulto ao repassar para a criança o valor de que a bebida alcoólica é um bem sociável ao adentrar a adolescência a mesma possui maiores chances de se utilizar de álcool como motivador de interação social (5). Apesar de muitos adolescentes terem contato com a bebida no período da infância através de festas e reuniões familiares a maioria passa a consumir álcool apenas na adolescência. Pais com atitudes controladoras não são um fator determinante para que os adolescentes não cheguem ao consumo de álcool ou qualquer outra droga. Toda via a privação da liberdade condicionada pelos pais influencia em um contato mais tardio com o álcool. A teoria das representações sociais busca compreender a realidade como produto e produtora de dinâmicas psíquicas e sociais considerando os sujeitos como ativos e construtores da realidade social e nela construídos remodelando os conhecimentos com tudo aquilo que o confronta. Com base nisso representações sociais de adolescentes com familiares alcoolistas podem favorecer ou mesmo facilitar a normalização do alcoolismo no meio deles que tendem através dessas representações sociais agirem de maneira mais natural diante do álcool. O alcoolismo não é visualizado pelos adolescentes como uma doença, mas sim como um vício próprio de pessoas psicologicamente “fracas”. De fato no quesito adolescentes o vício é o que existe de mais representativo para o alcoolismo e o que mais se destaca nessa patologia para os mesmos. Os limites tênues para o alcoolista e o bebedor social se contrapõem a colocação social que é dada para cada um onde o primeiro é tido como um fracassado e que não interrompe seu vício, pois não o pretende e o segundo é tido como alguém “Descolado, sociável e que sabe beber bem”. Neste último caso os atributos conferidos a ele favorecem a imagem do álcool que tende a ser absorvida de maneira positiva aos adolescentes. O alcoolismo como doença possui impacto social como várias outras visto que impede o indivíduo de realizar atividades laborais impondo ao mesmo uma nova rotina. Diferente de outras patologias esta possui um agravante que se dá através da visão estigmatizada onde o alcoolista é o único culpado por seu sofrimento. Esse estigma dificulta a compreensão do alcoolismo como doença crônica. Diante disso, se faz necessário desprender-se de termos que perpetuam este estigma já que em nossa sociedade o comportamento dos indivíduos é condenado enquanto o álcool é exaltado. A sociedade tende a desconsiderar os problemas bio-psico-sociais que permeiam o consumo do álcool. **Conclusão:** O meio familiar serviu como gatilho para que o primeiro contato com o álcool acontecesse ainda na infância pois, era natural e amplamente consumido principalmente pelos pais em festas e reuniões familiares e através dessa representação tomaram para si a bebida alcoólica como meio de se sociabilizar. Diante disso, ao adentrarem na adolescência a necessidade de auto-firmação em grupos se evidencia de tamanha forma que estes adolescentes se apropriam do álcool como forma de interação social e em conseqüência a ele acaba se inserindo na vida desses adolescentes o uso de outras drogas.

**Descritores:** Enfermagem, Psicologia social, Alcoolismo.

### **Referências:**

1. Carneiro H. Transformações do significado da palavra droga: das especiarias coloniais ao proibicionismo contemporâneo. In: Venâncio PR, Carneiro H. Álcool e

- drogas na história do Brasil. São Paulo: Alameda; Belo Horizonte: PUC Minas; 2005.
2. World Health Organization. Global status report on alcohol 2004. Geneva: Department of Mental Health and Substance Abuse; 2004.
  3. Fraile DCG, Riquelme PN, Pimenta CA. Consumo de drogas lícitas e ilícitas en escolares y factores de protección y riesgo. Rev Latinoam Enferm. 2004; 12:345-51.
  4. García KSL, Costa Junior L. Conduta anti-social e consumo de álcool em adolescentes escolares. Rev Latinoam Enferm. 2008 mar-abr; 16(2):280-90.
  5. Thompson P.A voz do passado: história oral. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 2002.